



Pulsar



GLÓRIA SOMBRIA

ROBERTO DE SOUSA CAUSO

"Talvez um dos melhores escritores da
ficção científica brasileira da atualidade."

Ronaldo Bressane



Devir

DEVIR LIVRARIA

OUTROS LIVROS DE ROBERTO DE SOUSA CAUSO

Dinossauria Tropicália (organizador). Edições GRD, Ficção Científica GRD N.º 14, 1993. Antologia de contos.

Estranhos Contatos (organizador). Caioá Editora, 1998. Antologia de contos.

Dança das Sombras. Editorial Caminho, Caminho Ficção Científica N.º 189, 1999. Contos.

Terra Verde. Grupo Editorial Cone Sul, 2000. Novela ganhadora do III Festival Universitário de Literatura.

Ficção Científica, Fantasia e Horror no Brasil: 1875 a 1950. Editora UFMG, 2003. Ganhador do Prêmio SBAF 2003. Ensaio.

A Sombra dos Homens. Devir Livraria, 2004. Contos.

Histórias de Ficção Científica (organizador). Editora Ática, Coleção Para Gostar de Ler N.º 38, 2005. Antologia de contos.

A Corrida do Rinoceronte. Devir Livraria, 2006. Romance.

Os Melhores Contos Brasileiros de Ficção Científica (organizador). Devir Livraria, 2008. Antologia de contos.

O Par: Uma Novela Amazônica. Associação Editorial Humanitas, 2008. Novela ganhadora do Projeto Nascente 11, 2001, Melhor Texto.

Rumo à Fantasia (organizador). Devir Livraria, 2009. Antologia de contos.

Contos Imediatos (organizador). Editora Terracota, 2009. Antologia de contos.

Anjo de Dor. Devir Livraria, 2009. Romance finalista do Projeto Nascente 10 (2000)

Os Melhores Contos Brasileiros de Ficção Científica: Fronteiras (organizador). Devir Livraria, 2010. Antologia de contos.

Selva Brasil. Editora Draco, 2010. Novela.

Duplo Cyberpunk: O Concertador de Bicicletas/Vale-Tudo (com Bruce Sterling). Devir Livraria, 2010.

Duplo Fantasia Heroica: O Encontro Fortuito de van Oost e Oludara/A Travessia (com Christopher Kastensmidt). Devir Livraria, 2010.

As Melhores Novelas Brasileiras de Ficção Científica (organizador). Devir Livraria, 2011. Antologia de novelas.

Duplo Fantasia Heroica 2: A Batalha Temerária contra o Capelobo/Encontros de Sangue (com Christopher Kastensmidt). Devir Livraria, 2011.

GLÓRIA SOMBRIA

ROBERTO DE SOUSA CAUSO



 DEVIR LIVRARIA

Copyright © 2013 by Roberto de Sousa Causo
Copyright da arte da capa © 2013 by Vagner Vargas

Revisão: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Diagramação Eletrônica: Tino Chagas

DEV333081

ISBN: 978-85-7532-516-2

1ª Edição: publicada em xxxxxxxxxx/2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Causo, Roberto de Sousa

Glória sombria: a primeira missão do matador / Roberto de Sousa
Causo. — São Paulo – Devir 2013

ISBN 978-85-7532-516-2

1. Ficção científica brasileira I. Título

12-10164

CDD-869.9308762

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção científica : Literatura Brasileira

869.9308762

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9610 de 19/02/1998.

É proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios
existentes ou que venham a ser criados no futuro sem autorização
prévia, por escrito, da editora.

Todos os direitos desta edição reservados à

 **DEVIR LIVRARIA**

Brasil
Rua Teodureto Souto, 624/630
Cambuci
São Paulo — SP

CEP: 01539-000
Fone: (11) 2127-8787
Fax: (11) 2127-8758
E-mail: duvidas@devir.com.br

Portugal
Pólo Industrial
Brejos de Carreiros
Armazém 4, Escritório 2
Olhos de Água
2950-554 — Palmela

Fone: 212-139-440
Fax: 212-139-449
E-mail: devir@devir.pt

Visite nosso site: www.devir.com

— Para “*A Few Good Men*”: Carlão, Eduardo, Joel,
Kleber, Neil, Osvaldo, Tadeu e Toninho.

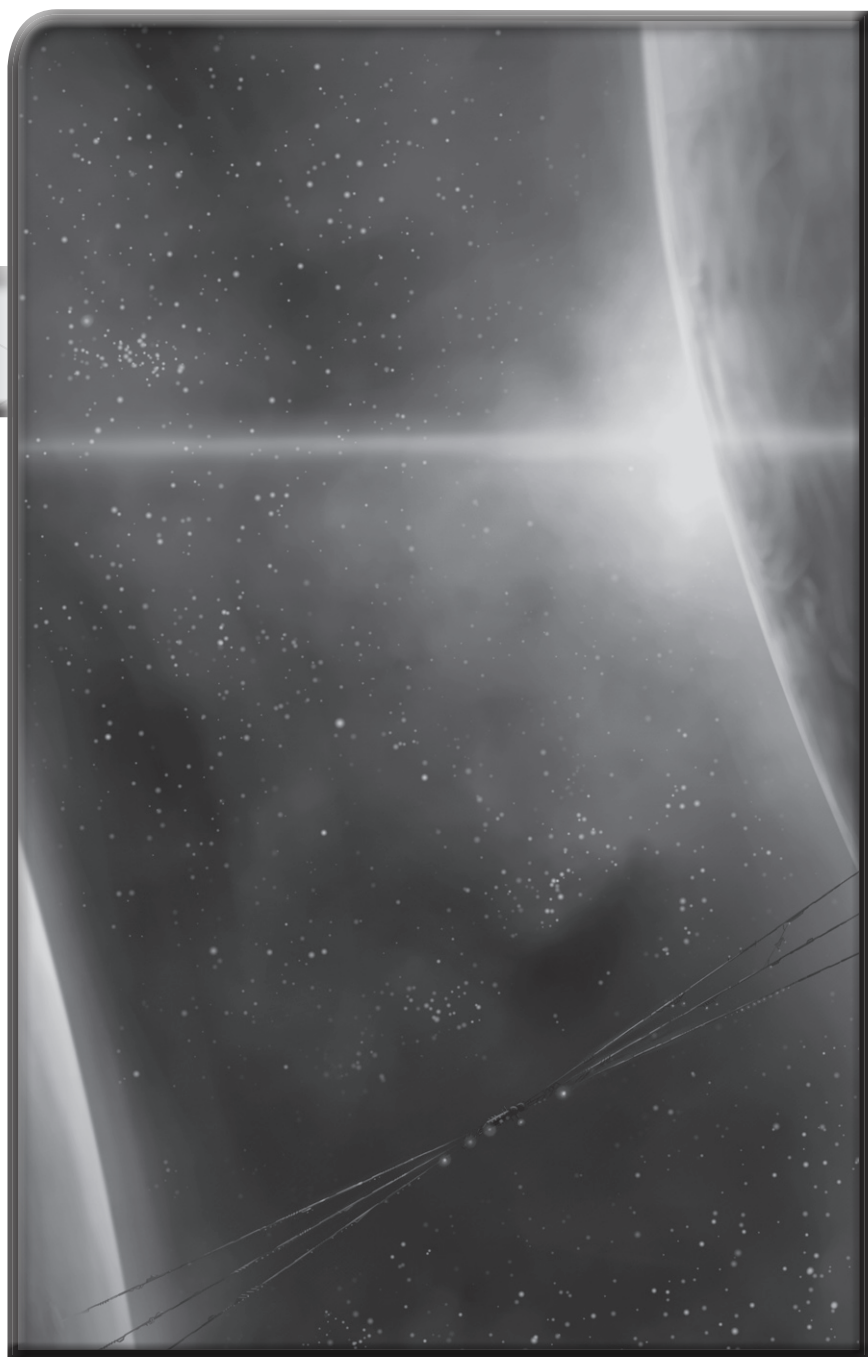


SUMÁRIO

Prólogo: Tabuleiro Cósmico.....	
1. Uma Chance para Matar	
2. A Lua do Jaguar.....	
3. O Outro Inimigo	
4. Rumo à Zona de Simetria Rompida	
5. Operação Ciranda Sombria.....	
6. Cartas na Mesa	
Epílogo: Contagem dos Mortos.....	
Anexos.....	
Agradecimentos.....	
Outras Histórias da Série As Lições do Matador.....	
As Histórias da Série Shiroma, Matadora Ciborgue.....	

*Nunca conte as baixas no dia em que a guerra termina.
Nada vem do nada.
E nada jamais termina.*

— David Poyer



1 PRÓLOGO

TABULEIRO CÓSMICO

Assim que o grupamento principal da esquadra surgiu no sistema de Tukmaibakro, os sensores passivos da quase-centena de vasos de guerra mergulhando tão próximo da velocidade da luz passaram a receber dados das naves de observação que já se encontravam no sistema. O poderoso computador quântico operado exclusivamente pela nau capitânia, o cruzador *NLA-126 Gloriosa*, fez em poucos instantes a complexa interpretação, e o enorme holotanque tático do cruzador se acendeu diante do assento elevado do comandante da Esquadra, o Almirante Túlio Ferreira.

O Almirante abriu a viseira blindada do seu capacete, deixando apenas a viseira interna com os filtros especiais, e levantou-se. No enorme passadiço do cruzador de batalha, nenhum dos quase trinta oficiais e técnicos pareceu reagir a essa violação das normas estabelecidas pelo próprio Túlio Ferreira. Eles se limitaram a reportar a ele o *status* da esquadra, e o almirante a responder a cada nova informação tática ou operacional com monossílabos.

Ele aproximou a sua figura alta — tornada ainda mais corpulenta pelo traje espacial de combate — do complexo *display* holográfico. Havia uma balaustrada de metal leve diante do enorme cilindro semitransparente que subia do piso ao teto. O almirante apoiou nela as duas mãos enluvadas e se concentrou no que via, os filtros compensando as alucinações visuais provocadas pela velocidade relativística em que se precipitavam, rumo ao centro do sistema planetário.

A batalha já seguia o seu curso.

A imagem no holotank transformou-se. Lá fora, o tempo subjetivo transcorria em outra ordem de grandeza e tudo acontecia mais rápido em relação à recém-chegada Esquadra Latinoamericana da Esfera, que desacelerava brutalmente para a velocidade de combate, mas ainda se encontrava na faixa de velocidades relativísticas. As mensagens enviadas pelas naves de observação e reconhecimento, decodificadas pelo compquântico e traduzidas em imagens e símbolos, acabavam de sofrer uma nova atualização. Era como se o palco fosse mudado em um segundo, sem que se percebesse nem mesmo a sombra dos contra-regras.

O Almirante gostou do que viu. Os analistas táticos da *Gloriosa* confirmavam a sua impressão positiva. Seus lábios se contorceram em um sorriso, e ele passou a sentir uma afeição misteriosa pela ciranda de imagens no *display*. Era o *seu* tabuleiro, onde ele jogava um perigoso xadrez estelar.

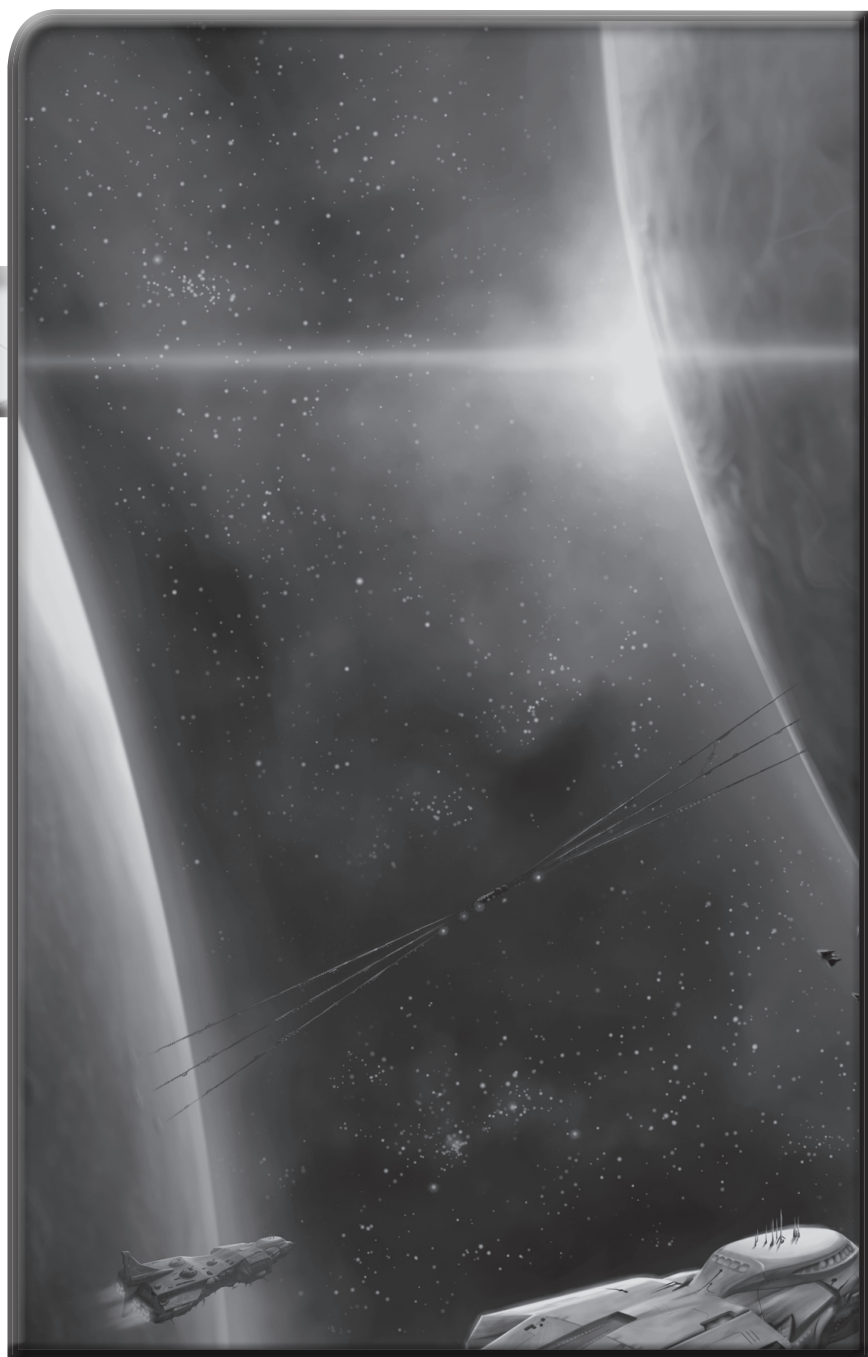
Seu adversário não era um, mas vários inimigos de capacidades diferentes — e complementares, agindo contra ele na frente de combate e na distante retaguarda: o *front* doméstico. Um deles o Almirante conhecia bem, o outro — aquele que enfrentavam diretamente ali — era um mistério completo. De fato, refletindo agora, sob a tênue luz do sol de Tukmaibakro, deu-se conta de que a única coisa que ele conhecia realmente nesse jogo, a peça mais próxima de seu coração e sobre a qual depositava suas maiores esperanças e o destino de milhares de homens e mulheres — e de sua própria carreira —, era o peão que ele lançara apressadamente em uma corrida louca pelo tabuleiro, na esperança que ele

chegasse ao outro lado e se transformasse numa rainha. A peça que lhe daria a vantagem derradeira, lá, fundo no território inimigo.

Mas agora o almirante se via assaltado por dúvidas. Dúvidas velhas conhecidas, renovadas diante da implacável realidade do combate.

Devagar, o sorriso desapareceu de seu rosto. Ele recuou e voltou a sentar-se na cadeira de comando da Esquadra. Observou os rostos que conseguia divisar por baixo das viseiras dos capacetes de combate.

Milhares de homens e mulheres sob o seu comando — que vieram ali para morrer e não para matar —, e ele tinha pensamentos para apenas um homem. Um homem que ele esperava transformar em um matador, mas que corria o risco de se converter na sua primeira baixa. Não uma peça que ele enviara para virar o jogo, e sim um homem especial que ele fizera atravessar a galáxia para, talvez, vir encontrar a própria morte aqui, nesta ciranda sombria.



1

UMA CHANCE PARA MATAR

C antares cresceu nas vigias frontais, seus continentes verdes e mares cintilantes tornando-se cada vez mais distintos, contra o fundo negro do espaço. Era um mundo antigo mas vivo. De atividade vulcânica moderada e várias cadeias montanhosas, era distante o suficiente de Dionísio, o planeta que orbitava, para não sofrer as piores consequências das marés gravitacionais causadas por esse gigante gasoso. Seus mares eram numerosos e variados, com muitos mediterrâneos resultantes do transbordamento dos principais oceanos, em razão de alguma desconhecida catástrofe cósmica, ocorrida milhares de anos antes.

O Primeiro-Tenente Peregrino sorriu sozinho. De onde Jonas Peregrino podia apreciar a superfície planetária, os continentes e as massas de água se contorciam uns sobre os outros numa dança alegre e jovial. Uma beleza de roubar o fôlego. *Todos* os planetas, na realidade, quando você se aproximava o bastante para projetar sobre suas formas esféricas a consciência de que se trata de um *lugar*. Um lugar em que se estar.

Viver. Lutar. Defender. E todo planeta era uma *totalidade*, um mundo crescendo no espaço como um milagre surgido do vazio. Não havia como enxergar tais encontros como triviais, não importava que fosse a décima ou a centésima vez que se aproximava de um novo mundo.

Peregrino chegava a bordo de uma lancha de desembarque atmosférico LADA-6F Andorinhão, modernizada e repotencializada com um gerador de tunelamento, para “saltos” estelares de curta distância. Em poucos minutos o aparelho penetraria na atmosfera límpida de Cantares para entregar Peregrino ao local de sua primeira designação operacional no *front* tadei. “*Front* é força de expressão”, ele refletiu. A guerra contra os tadeais não tinha uma linha de frente — era uma guerrilha aberta, sem quartel e sem comunicação entre os dois lados.

Cantares hospedava o quartel-general da Esquadra Latinoamericana da Esfera, no 7º Distrito das Forças Espaciais. Peregrino achava que o planeta era excessivamente bonito, rico e vivo demais para se tornar alvo preferencial dos ataques de superfície de naves-robôs alienígenas. Qualquer asteróide rochoso e calcinado, sob algum sol obscuro e não sob o calor G2 de Maestro, o astro-rei do sistema, cumpriria perfeitamente a função de abrigar o QG. “Mas pode haver um sentido simbólico na escolha de Cantares”, pensou. “Afinal, é disso que se trata a presença da humanidade na Esfera. Aproveitar os raios dos muitos sóis G2 que ela contém, e seus muitos mundos semelhantes à Terra.” E havia o fato — do qual Peregrino só tomara conhecimento depois de ler os manuais e relatórios secretos facultados a ele apenas durante a viagem — de que o sistema regido por Maestro era numeroso: da fronteira Oort até Cantares havia oito planetas em órbitas relativamente apertadas, o que permitia uma defensiva escalonada quase perfeita, dependendo do ângulo de entrada das forças atacantes. O próprio Cantares era uma lua de um gigante gasoso de massa semelhante à de Urano, com um puxão gravitacional grande o suficiente para causar problemas a quem quer que o abordasse em velocidade de combate.

Peregrino tinha apenas vinte e seis Terraanos; o entusiasmo que sentia pela sua recente transferência ao *front* tadai era equilibrado por uma exagerada cautela. Desde seus anos finais na Academia, ele se condicionara para não esperar muito da carreira militar. A ordem de apresentar-se ao Almirante Túlio Ferreira fora uma surpresa.

A maior surpresa de sua vida.

Na Terra e nas Colônias Solares, o que se sabia da Esfera era que a concentração de sóis se situava no Braço de Sagittarius, a meio caminho entre o Sistema Solar e o Braço de Crux, o que devia significar uma distância superior a dez mil anos-luz. Falava-se que seria a próxima Zona de Expansão Humana — a *Zona 4*. Delírios de grandeza da humanidade, e de proporções cósmicas.

Não se conhecia ao certo os limites da Esfera. Alguns diziam que ela se estendia, incógnita, por atrás do Saco de Carvão, a nebulosa escura que divide a Via-Láctea conforme vista da Terra, na constelação do Cruzeiro do Sul. Outros apontavam uma outra nebulosa escura, a Olho da Fechadura em Eta Carina, a nove mil anos-luz da Terra, como a “Fechadura da Esfera”. Peregrino, ainda a bordo da LADA-6F, riu diante da imagem. Não havia por que associar o mistério em torno da Esfera com qualquer bloqueio da luz visível: milhares de instrumentos de infravermelho e radar haviam esquadrinhado a área ao longo de séculos. Funcionava como figura poética, porém, já que o centro e os limites da Esfera — alvo até mesmo de especulações literárias, como a série favorita de Peregrino, *Perry Rhodan Ucronia: A Esfera* — eram mantidos sob um véu de segredo, desinformação e um sem-número de aterrorizantes cláusulas de sigilo que incluíam execução sumária, degredo, trabalhos forçados em grupos de mineração de asteróides, com vigência plena “até que a zona conflituosa fosse pacificada” — contexto de requisitos não-especificados, cujo eventual anúncio estava a critério das altas cúpulas dos principais blocos políticos humanos. Apesar disso tudo, Peregrino suspeitava

que os seus segredos haviam sido mil vezes violados, mil vezes desvelados a empresas transportadoras, grupos de mercenários ou piratas, missionários religiosos sem licença e a aventureiros de toda ordem. Eles apenas não chegaram ao nível de um oficial júnior como ele. Afinal de contas, já existiam colônias humanas na Esfera, e por mais que as comunicações fossem codificadas, censuradas e retransmitidas infinitamente para a ocultação e o despiste, era impossível considerar que populações inteiras — sem falar em autoridades e agentes oficiais — não tirassem algum proveito da informação privilegiada.

O complexo do Quartel-General erguia-se em uma planície rochosa, descortinada em tons de laranja e amarelo contra o céu profundamente azul, num dos raros desertos do equador tórrido de Cantares. Eram três torres alinhadas, erguidas a dois quilômetros uma da outra. Cada uma com trezentos metros de altura, encimada por uma superestrutura na forma de anfiteatro, de duzentos metros de diâmetro, como uma copa aberta para o céu crepuscular. O Andorinhão se dirigia para a plataforma de pouso no centro dessa copa.

Em torno de cada torre havia quatro baterias de superfície e oito estações telecomandadas de recepção neutrino-taquiônica — um círculo em torno do outro. Postos semelhantes existiam nos pólos do planeta e nas antípodas dessa posição, em um arquipélago vulcânico, semi-estéril, também na linha do equador.

Peregrino sabia que, em caso de ataque a partir da órbita, cada uma das torres poderia se retrair 150 metros para dentro do leito rochoso, num movimento sustentado por sofisticados e caríssimos amortecedores anti[1510]G, cada um deles capaz de anular o peso de um cruzador estelar. Esse retraimento, somado aos campos de força levantados durante o ataque, devia garantir a sobrevivência operacional do QG e anular todas as repercussões dos abalos sísmicos que Cantares sofria com frequência, devido ao efeito de maré gravitacional causado por Dionísio. Ou se uma nave tadeai rompesse a crosta, ao atingir a superfície em velocidade relativística.

Os amortecedores foram “doados” pela Aliança Transatlântico-Pacífico, integrados a um pacote de intercâmbio tecnológico firmado com o tratado de cooperação assinado em 2303, há mais de 100 anos. Dizia-se a boca pequena que em troca a União da Herança Interestelar Latino-Americana, ou “Bloco Latino”, havia cedido um planeta terraformizável na face da Esfera mais próxima da Terra.

Também se dizia que esse tratado e outros acordos semelhantes com a Euro-Rússia e a Ásia Centro-Oceânica tiveram um resultado desastroso para as Forças Armadas Integradas da Latinoamérica. Elas tiveram de assumir as posições mais críticas dentro da Esfera, a de defesa dos Estados alienígenas aliados e das colônias humanas mais vulneráveis. Tudo isso, supõe-se, para diminuir a lacuna tecnológica do bloco em relação aos seus rivais, e dar à Latinoamérica uma situação vantajosa na corrida planetária que se iniciaria quando os tadaís fossem derrotados.

Se os tadaís viessem a ser derrotados.

Uma primeiro-tenente ordenança recebeu Peregrino no hangar da Torre 2. Constanza Teruel era uma bonita mulata de olhos verdes. Colombiana?

— O Almirante Túlio reservou uma mesa no refeitório do mirante pra recebê-lo, Peregrino — Teruel disse, depois que se cumprimentaram e ela lhe explicou o que seria feito da sua bagagem. — Não é uma honra que ele confere a qualquer um.

— O CECZARE não tem o hábito de receber seus oficiais recém-chegados?

— Não com um *jantar* — ela respondeu. — E ele detesta que o chamem de CECZARE. Todo mundo o chama apenas de “o Almirante”.

— É bom saber. Qual é o próximo passo, então? O refeitório?

— Primeiro você precisa vir comigo, assinar seus papéis. Eu poderia ter designado um robô pra te guiar até os escritórios do Almirantado, mas estava um pouco ansiosa pra te conhecer.

— Por quê? — ele perguntou.

Teruel sorriu, como se ele tivesse feito uma brincadeira sem graça.

— Dizem que você está na agulha pra ser promovido a capitão — disse.

Foi a vez dele sorrir.

— Um boato sem fundamento. Sou primeiro-tenente a menos de um ano. . .

— Eu duvido que o Almirante te chamaria pra servir *aqui*, no centro de toda a ação, no maior conflito armado da história da humanidade — Teruel disse —, se não tivesse planos bem específicos pra você.

— Se ele os tem, não os compartilhou comigo.

— Eu sou a ordenança pessoal do Almirante — Teruel disse, um traço de ressentimento na voz. — Não há razão pra você bancar o misterioso comigo.

Peregrino ponderou sobre o que ela dizia.

— É sempre assim que vocês recebem um oficial recém-transferido?

A pergunta pegou Teruel no contrapé. Seus olhos verdes se arregalaram um tanto, fincados em Peregrino.

— Como assim?

— A maior parte do que acontece no QG da Esquadra é mantido em segredo, nas vizinhanças do Sistema Solar — Peregrino disse. — Você deve saber disso. Até embarcar pra cá, eu pouco sabia da configuração do sistema de Cantares, das suas defesas e da disposição da Esquadra.

Quer dizer, minhas ordens também obedecem a um sigilo semelhante. Até o momento, não sei que função terei aqui. Tudo o que sei é que devo me apresentar imediatamente ao Vice-Almirante Túlio Ferreira, quando chegar a Cantares. E pela sua reação, acho que o mistério também está instalado entre o *staff* do Almirante, e isso deve ter aguçado a curiosidade de vocês.”

Calou-se. Pelo silêncio de Teruel, seu comentário devia ter atingido um ponto sensível.

— Pelo que entendi do que você me disse — recomeçou, tentando contornar a questão —, ele só vai me receber no jantar, daqui a umas. . . duas horas. Que farda devo vestir, a de gala?

— Não. Ninguém usa a farda de gala no QG, exceto nos funerais. — Teruel fez uma pausa, e nela Peregrino anotou mentalmente que os funerais poderiam ser outra questão delicada ali. — Nas situações cotidianas, todos nós usamos o sexto B padrão, sem cobertura. Você nem precisava ter colocado o uniforme de trânsito. Sétimo A para ir a Chorinho, Guaranha, Tango ou outra cidade em Cantares, nas folgas. Licenças para outros mundos do sistema são proibidas.

— Obrigado.

Abaixo da grande forma de funil no alto da torre, quase no ponto em que ela se juntava ao cilindro central da construção, projetava-se o anel onde se situava a maior parte dos alojamentos. Eram modulares, sem blindagem externa, descartáveis se o inimigo chegasse a atingi-los. Peregrino supôs que o alarme antecipado evitaria que alguém fosse apanhado dormindo em um deles. Quando chegaram ao alojamento destinado a ele, Peregrino perguntou:

— Quem vai dividi-lo comigo?

— Ninguém — Teruel disse. — É um camarote individual, bastante espaçoso. Na verdade, são acomodações de capitão-de-espaço-profundo.

— Alguém se enganou.

— A ordem veio diretamente do Almirante Túlio — ela disse —, e certamente o Vice-Almirante não se enganou.

Peregrino ficou calado. O robô-carregador ainda estava por perto, terminando de empurrar com seus braços mecânicos a bagagem dele pela rampa motorizada que compunha a maior parte do seu “corpo”. A Esquadra não admitia robôs antropomórficos, apenas autômatos como esse, parte carrinho, parte estivador,

nem mesmo dotado de um conjunto de intercâmbio vocal. Porque robôs de forma humana provocariam comparações com o pessoal ciberaumentado que servia na Esquadra, e tinha seus direitos monitorados pelo Partido Biônico da Latinoamérica? O robô recolheu os braços e rodou discretamente para fora do camarote, para ganhar o corredor. Por um momento Peregrino o invejou. “Em que situação eles me enfiaram?...”

— Bem, Tenente Teruel — disse —, obrigado por me receber e me acompanhar. Há algo mais que eu precise saber?

Ela suspirou, meio embaraçada.

— Me desculpe se eu me deixei levar pela curiosidade, Peregrino. O fato é que o Almirante-de-Esquadra Pandolfo está pra ir para a reserva, e todos esperam que o Vice-Almirante Túlio seja promovido no lugar dele. Túlio é o comandante das operações especiais na Esfera, e se ele se tornar o comandante-em-chefe da Esquadra, provavelmente todos nós teremos um aumento nas missões de patrulha e combate. A postura de Túlio é bem mais agressiva.

“A outra coisa é que ele pode puxar a cadeia de comando pra cima, com a sua promoção. O seu homem de planejamento e execução de ops, o Capitão-de-Espaço-Profundo Hernán Cuvalló, subiria para Contra-Almirante. Outros se seguiriam, com o pessoal das operações especiais assumindo postos-chaves. Só que até agora Túlio não fez nenhuma preparação pra essas modificações. A única novidade é ele trazer um desconhecido primeiro-tenente pra cá. É normal então que fiquemos curiosos.”

— Eu entendo.

— Estou lhe contando essas coisas em confiança, Peregrino.

Imaginou que isso significava que ela não sabia quanta intimidade ele poderia ter com Túlio, se ele quisesse trocar com o superior uma nota de censura sobre o trabalho da ordenança. “Pode ficar tranquila”, disse, em silêncio. “Nunca tive contato algum com o Almirante, e não faço a menor ideia do que ele tem em mente para mim.”

*

Usando uma senha fornecida por Teruel, Peregrino baixou a planta do QG no seu *palmer* e com ele encontrou o caminho até a plataforma privativa do Almirantado, no refeitório. Teve que andar um bom pedaço, mas a gravidade amena de Cantares evitou que ele chegasse suado ao compromisso. Tinha desfeito as malas e guardado seus parques pertences nos armários gigantescos do camarote de capitão-de-espaco-profundo, tomado um banho e vestido a calça azul barateia e a camisa azul clara de manga comprida do 6º B.

Junto a um dos janelões abertos para o crepúsculo sanguíneo no deserto de Cantares, o Vice-Almirante Túlio Ferreira o esperava em pé — o CECZARE, Comandante-em-Chefe da Zona de Atuação Regional da Esfera — vestindo a farda de gala completa com todas as suas muitas condecorações e insígnias bordadas. Reconheceu-o de fotografias e holometragens noticiosas.

Peregrino mordeu o lábio inferior e silenciosamente amaldiçoou Constanza Teruel. De qualquer modo, chegara com pontualidade e não poderia voltar ao camarote para se trocar. Aproximou-se do Almirante até que ele percebesse sua chegada, respirou fundo e fez uma continência tão vigorosa que fez o metal leve da plataforma balançar. Túlio não retribuiu a continência. O Almirante apenas sorriu.

Era um homem negro, mais alto do que Peregrino — que tinha 1,80 m —, com um bigode de bordas grisalhas. Veio até Peregrino, apertou-lhe os ombros com suas mãos grandes, e lhe deu um pequeno safanão.

— Que belo exemplar da quase-extinta raça cabocla! — exclamou. — Venha se sentar à mesa com o velho Almirante Túlio, meu rapaz. Seja bem-vindo ao Quartel General da Esquadra Latinoamericana na Esfera. Bem-vindo também a Cantares, o mais poético e boêmio planeta da galáxia! Espero que tenha feito uma boa viagem da Terra até estes confins.

— Na verdade, Almirante, como a ordem era de partida imediata, não tive como fazer escala na Terra. Nem mesmo em Concórdia, a base do grupo da Esquadra Colonial em que

eu servia. Vim direto do passadiço do destróier *Noronha* pra cá, senhor.

De fato. Seus livros, roupas e outros pertences tinham ficado no seu alojamento em Concórdia, um planeta da órbita de Tau Ceti.

— Bem, são os azares da vida militar em tempo de guerra, filho — Túlio disse, deitando um pouco de vinho de uma garrafa de formato peculiar, num cálice diante de Peregrino. — Experimente. Cantares produz o melhor vinho da galáxia.

Peregrino apanhou o cálice com dedos incertos. Provou a bebida. Seu aroma tinha um traço floral, tênue. Estranhamente, sentiu que evocava o cheiro da própria saliva no seio nu de uma mulher. Despertou nele a consciência de tudo o que ele deixara para trás.

O que mais Túlio lhe diria? Que o QG latinoamericano na luta contra os tadeais era a melhor colônia de férias da Via Láctea? O Almirante o encarava com uma espécie de bem-humorada expectativa, como se desejasse que ele fizesse um comentário de enólogo a respeito do vinho, ou sobre os ares excitantes e boêmios do planeta. Peregrino obedeceu ao impulso de mirar o crepúsculo pelos janelões. Uma aeronave se aproximava ao longe, chamando sua atenção para um contorno semi-esférico ainda mais rubro crescendo no horizonte — Dionísio, o planeta gasoso em torno do qual Cantares orbitava. A aeronave era um ponto de luz contra a imagem flamejante e tristonha por trás de montanhas achatadas, esculpidas, polidas e deformadas pelo vento. Peregrino sentiu uma pontada de saudades das planícies vermelhas em torno de Olimpos Mons e da Academia Militar. De sua posição frente à janela ele também podia ver a Torre I fincada no deserto de Cantares.

— “E escavado profundas trincheiras no campo da beleza” — Túlio citou, acompanhando o seu olhar.

— Exatamente, senhor.

— Em que posição você terminou mesmo na sua turma, Peregrino? — Túlio perguntou, de chofre.

Peregrino sentiu-se corar. Limpou os lábios do ótimo vinho, pigarreou e disse:

— Vigésimo oitavo, Almirante. — E então: — De uma turma de cinquenta e três.

— Certo. Muito bem. Na metade que interessa. Quando foi a última vez que você soube de algum oficial vindo para a Esquadra da Esfera, pra um posto de comando de combate, que não estivesse entre os doze primeiros?

— Nunca, senhor.

— Mas você certamente possui fortes qualificações — Túlio disse, sorrindo abertamente. — Li sua ficha, é claro. *Várias* vezes. Alguns problemas disciplinares — fez um gesto com a mão, como se espantasse esse assunto para um canto insignificante qualquer —, mas bom desempenho acadêmico. Não *excelente*, mas com certeza, bom! E os relatórios dos combates simulados foram muito elogiados, também. Quer dizer, nada de mais nas manobras que exigem grandes coordenações de vasos e deslocamentos complexos, mas nas ações especiais, inserções e extrações, penetrações profundas de retirada rápida, uau! Consta que você é uma espécie de gênio nessas manobras, meu rapaz.

— Eu não saberia dizer, Almirante. Se for essa a avaliação oficial, nunca tive a oportunidade de examiná-la.

— “Se for essa a avaliação. . .” — Túlio murmurou. — Bate com os seus relatórios psicológicos. Um bom líder, mas individualista. Um intuitivo. Espírito incisivo, de personalidade determinada mas com tendência ao isolamento.

— Os resultados das avaliações psicológicas também não são franqueados aos cadetes, senhor.

— Sei disso. — O CECZARE pela primeira vez deixou cair a máscara da alegre jovialidade, para expressar alguma impaciência. — Também sei do relatório que a Capitã Bonadeo fez a seu respeito.

Peregrino não disse nada. Túlio insistiu:

— A ação em Epsilon Eridani foi brilhante. Sua extração das testemunhas das violações americanas, esquivando-se dos interceptadores. . . e sem sofrer *nenhuma* baixa. Soube que Bonadeo recomendou você para a Ordem do Defensor, mas que o comitê não aprovou. Que injustiça.

A ironia patente na voz de Túlio não impediu Peregrino de rememorar as circunstâncias da operação em Epsilon Eridani, uma estrela $\kappa 2$ jovem no centro dos restos do seu disco de acreção, rico em minérios e garimpado por grupos mistos de trabalhadores do bloco latino e da Aliança Transatlântico-Pacífico — os “americanos” aos quais Túlio se referia, embora o líder dos garimpeiros fosse um canadense chamado Druillet. As equipes latinas eram vítimas de explorações trabalhistas, e depois de um dia de paralisação em defesa dos seus direitos, seus membros foram agredidos, encarcerados, e posteriormente forçados a trabalhar no limite de uma unidade astronômica do astro. Epsilon Eridani emite intenso vento solar, e os garimpeiros não estavam adequadamente protegidos. Um deles conseguiu fazer um ansível para a Patrulha Latinoamericana, e o destróier NLA-91 *Noronha* — comandado pela Capitã-de-Ar-e-Espaço Margarida Bonadeo, que contava com Peregrino no quadro de oficiais — foi enviado para investigar. Quando chegaram, havia duas fragatas da Aliança Transatlântico-Pacífico esperando para recebê-los. Druillet soubera do ansível, e tomara as suas próprias providências.

Bonadeo deteve a *Noronha* para confabular com os militares da Aliança, enquanto secretamente enviava Peregrino e um grupo de resgate até a primeira UA. Quando o movimento da lancha de Peregrino foi detectado, Bonadeo ofereceu a justificativa de que a saúde de cidadãos latinoamericanos, tão dentro da hiperventilada atmosfera solar de Epsilon Eridani, estava em risco, e que ela tinha o dever de socorrê-los. Para a surpresa dela e de Peregrino, as fragatas americanas não hesitaram em lançar dois caças para interceptá-los.

Peregrino tinha a vantagem da velocidade e do posicionamento em relação ao asteróide em que estavam os trabalhadores

latinos, operando as máquinas e os robôs mineradores, os sistemas mecatrônicos e o lançador orbital. Uma vez lá, porém, ele, seus comandados e os mineradores foram bloqueados.

Dois caças faziam passagens orbitais sobre o asteróide, como que desafiando a lancha armada pousada em sua superfície a disparar contra eles ou a tentar uma fuga desesperada.

Os dois aparelhos, provenientes de uma das fragatas, traçavam uma órbita em torno do asteróide — que tinha proporções de planeta anão — a cada seis minutos. Agiam com absoluta autoconfiança, um protegendo o outro sem nunca se afastarem acentuadamente, conforme mandava o figurino. Peregrino organizou-se com os garimpeiros. Nos intervalos da passagem dos caças, eles mobilizaram os robôs para prepararem, na instalação subterrânea principal, um enorme conjunto de fardos de minério unidos por treliças e cabos. Seguindo as ideias que surgiram entre os garimpeiros, atiraram ao espaço, usando o lançador orbital, a carga de minério de massa e albedo de radar semelhante aos da lancha, numa trajetória que sugeria intenção de *rendez-vous* com a *Noronha*. Uma broca de plasma foi atada à carga e ativada por controle remoto, para simular os reatores da lancha — e Peregrino havia ordenado, num toque de mestre, que um engodo inflável — bolsa de material reflexivo ao radar, que se abria de modo a alcançar a área do casco da lancha em três segundos — fosse também atado a ela com um temporizador ajustado para ativá-la após vinte segundos de voo. O lançador era poderoso o suficiente para despachar a carga a uma velocidade só uma fração menor do que a velocidade inicial de decolagem da lancha. Um dos caças desviou-se para perseguir o engodo, enquanto o outro entrava na distância de reconhecimento visual — e se deparava com a carga de minério.

Peregrino, seus comandados e os garimpeiros decolaram poucos minutos depois do lançamento da carga, disparando as armas contra o maquinário deixado na superfície do asteróide, projetando um ofuscante feixe de partículas incandescentes para o espaço. Os pilotos da Aliança Transatlântica-Pacífico ficaram confusos. Os compinçiais dos caças permitiriam aos seus

pilotos realizar a violenta guinada reversa, mas isso significaria um tempo proibitivo de desaceleração e aceleração. Se fizessem uma larga curva em U para retornar ao asteróide, seu vetor e sua velocidade de interceptação só levariam ao seu reposicionamento quando a lancha estivesse fora de perigo. Peregrino e os outros já estavam em aceleração plena, saindo do sistema num ângulo de 90° em relação à eclíptica, para alcançar a velocidade relativística necessária ao tunelamento e chegar ao ponto de *rendez-vous* previamente estabelecido com a Capitã Bonadeo.

Talvez a operação mais delicada estivesse nas mãos da capitã. Quando os sensores da *Noronha* registraram o tunelamento, era hora de se desvencilhar do seu pequeno entrevero com as naves da Aliança. Foi o momento mais crítico da operação — uma das fragatas se moveu como que para bloquear o caminho do destróier. Um confronto entre os dois vasos de guerra seria uma quebra definitiva dos tratados entre a Aliança e o Bloco Latino.

Mas Bonadeo fez ver aos americanos que eles já tinham apanhado o bastante, com as manobras loucas de Peregrino. A *Noronha* se movimentou livremente para recolher a lancha com os garimpeiros, no ponto de encontro. Entre eles havia dois capatazes com implantes óticos e memória digital, e ambos haviam documentado secretamente os abusos dos empregadores americanos. Com isso a Latinoamérica entrou com um processo na Corte Interestelar Combinada, e fez um acordo livrando Peregrino e seus homens da acusação de destruição de propriedade particular, quando eles deixaram o asteróide. Os garimpeiros foram indenizados, seus empregadores multados, a Patrulha da Aliança censurada por lhes dar cobertura, nenhum tratado foi quebrado. E *ninguém* perdeu a vida, o detalhe mais importante para Peregrino.

Mais tarde, soube-se que os pilotos dos caças passaram por um inquérito, que o seu curso de formação foi reexaminado e que um painel de revisão de procedimentos foi nomeado. Tudo para que nunca outro militar da Aliança viesse a cair no que foi cha-

mado de “truque mais velho do mundo” — atirar uma pedra numa direção, e correr na outra.

Ninguém além de Bonadeo soubera, contudo, que Peregrino havia mobilizado os mineiros em Epsilon Eridane para realizarem o truque apenas como forma de mantê-los sob controle, quando ameaçavam entrar em pânico a cada nova passagem dos caças. Peregrino só acreditara que teriam uma chance, quando os robôs terminaram o seu trabalho e ele verificou que o serviço ficara realmente com cara de que poderia dar certo. Um enorme imprevisto, mas de qualquer modo bem-sucedido.

Mas Peregrino recebeu apenas a Cruz de Bravura de Segunda Classe — assim como a própria Capitã Bonadeo —, e embora ela o tivesse indicado para a Ordem do Defensor, a segunda maior comenda da Latinoamérica.

— Agora me diga — o Almirante disse. — Margarida Bonadeo é tão boa de cama quanto parece?

Peregrino levou um segundo para registrar o que ouvira. Estava levando a taça aos lábios uma segunda vez. Baixou-a. Limpou a boca com o guardanapo. Afastou a cadeira.

— Já sofri trotes mais criativos na Academia e quando cruzei pela primeira vez os limites do Sistema Solar — disse. Olhou em torno, com apenas um meio-sorriso nos lábios. — Aqui só você está usando o azul barateia, com essas dragonas ridículas. Quem é você, algum cozinheiro ou mecânico que cita Shakespeare e se parece com o CECZARE? Vou para o alojamento que me indicaram, e esperarei lá por minhas ordens, *por escrito*.

Estava se levantando, quando o outro disse:

— O Almirante Gervásio é um idiota.

Peregrino estacou. Só havia um Almirante Gervásio na galáxia. O *Almirante-Estelar* Gervásio Henriques da Fonseca era o comandante supremo de todas as forças espaciais e de superfície, da Latinoamérica.

— É dele a determinação de não conferir a Ordem do Defensor fora da Esfera — o outro prosseguiu.

— Eu não sabia disso — Peregrino disse.

— O comitê das comendas sabia. Foi um dos modos que Gervásio encontrou para inflar as ações da Esquadra por aqui. Ele indicou Pandolfo para o comando da Esquadra da Esfera, e esse outro imbecil a transformou numa companhia de cruzeiros espaciais pra os seus amigos e puxa-sacos, do mesmo modo que escolheu Cantares como colônia de férias. Nossos diplomatas fizeram um ótimo trabalho convencendo autoridades alienígenas na Esfera a assinarem tratados de defesa mútua, comércio e cooperação cultural conosco, mas toda a campanha na Esfera não passa de uma fábrica de promoções para a camarilha desses dois, que vão estendendo a sua influência sobre todo o Bloco Latinoamericano na Terra e fora dela.

Peregrino deu-se conta de que estava muito bem sentado, ouvindo com toda a atenção.

— Mas o inimigo está lá fora — o CECZARE disse, com um indicador apontando para cima, antes de batê-lo no tampo da mesa. — Até *aqui*, fiz o jogo de Pandolfo e Gervásio, mas a Esquadra agora é *minha* pelo tempo que demorar pra eles perceberem que me soltei da coleira. E a minha intenção é fazer *alguma coisa*.

“E você vai ser minha ponta-de-lança, meu rapaz. Bonadeo e eu falamos a mesma língua, e ela o recomendou com o mais enfático dos elogios. A outra coisa é que você não tem padrinho, não ficou à testa da sua turma, não tem nenhum figurão ou partido acompanhando a sua carreira, armando as fichas apostando em uma futura carreira política. É o meu coringa, e eu pretendo usá-lo pra encontrar o máximo de respostas sobre os tadeais e pra proteger ao máximo os nossos aliados na Esfera. Em algum lugar lá fora há um inimigo de carne e osso ou qualquer outra matéria orgânica alienígena pr’a gente matar. É disso o que eu preciso, rapaz. De um *matador*. E você é o meu melhor candidato. Pretendo usá-lo até ter certeza de que, de todo este circo tiramos algum sangue desses tadeais filhos-da-puta. Ou pelo tempo que eu tiver antes

que me joguem na retaguarda, ou pelo tempo que você *sobreviver* às missões que eu lhe der.

“Não haverá ordens *escritas* de mim pra você, nem relatórios escritos de você pra mim. Você vai se mexer como um zangão por este canto da galáxia. Lamento, de verdade, que não tenha tido a chance de se despedir de seus familiares e amigos. Se sobreviver às missões, vai acumular *muita* dilatação temporal. De um jeito ou de outro, provavelmente nunca voltará a vê-los. Se você se comportar, se corresponder à minha confiança, eu lhe darei todo tempo de ansível que puder, pra falar com o seu pessoal. E vai ser promovido mais rápido do que jamais se viu nesta Esquadra. Por outro lado, eu lhe digo que nunca chegará a Almirante-de-Esquadra. Quando a nossa pequena aventura acabar, eu com certeza estarei na reserva, e você terá sorte se voltar ao seu antigo posto na Patrulha.”

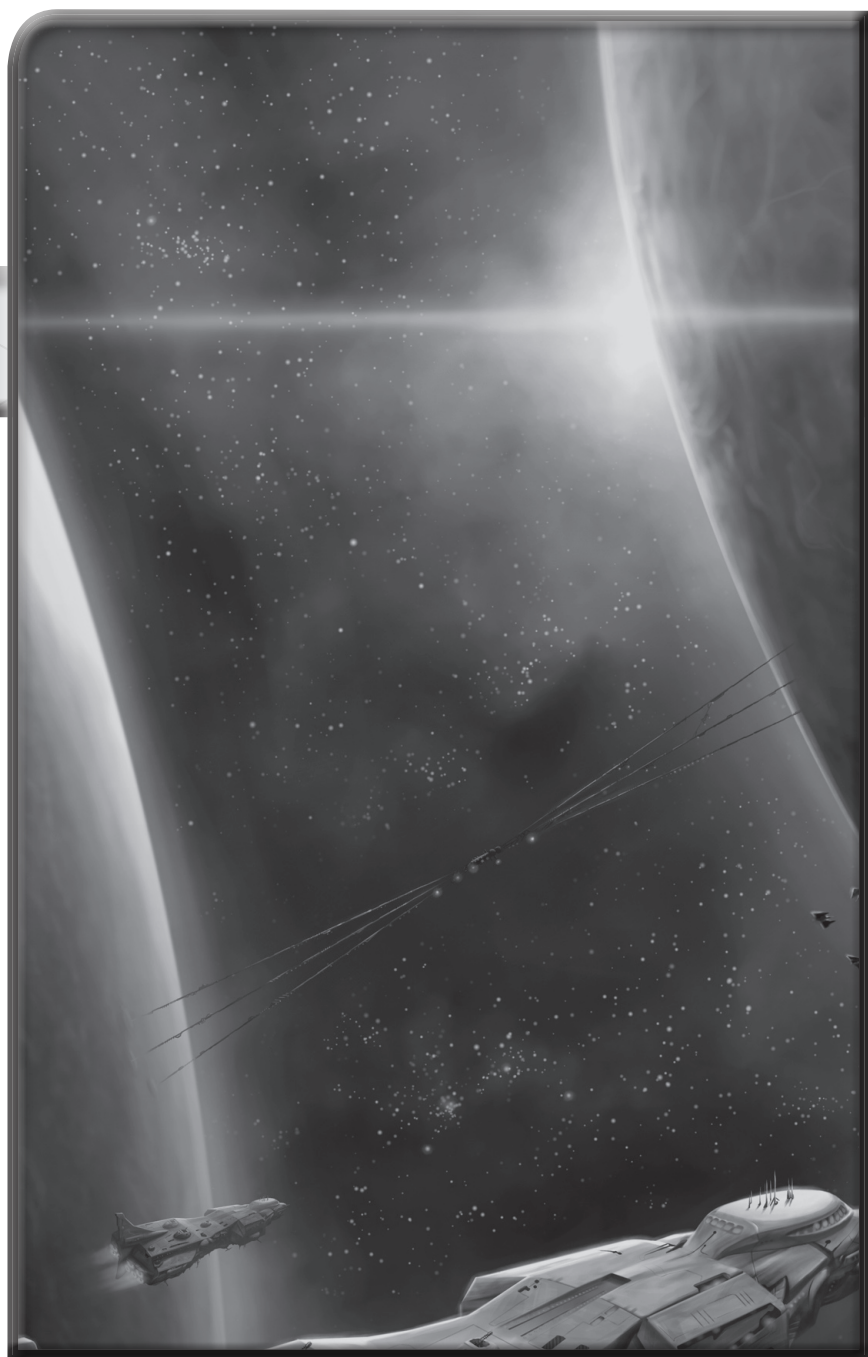
— Se eu sobreviver — Peregrino disse.

Túlio apenas assentiu gravemente com a cabeça, sem tirar os olhos dos seus.

— Mandei preparar pra você os melhores pratos que os nossos cozinheiros conseguiram inventar — disse. — São realmente bons. Os peixes desta latitude de Cantares deixam os tucunarés da sua terra no chinelo, meu caboclo, e o que os *chefs* conseguem fazer com os temperos locais chega às raias do milagroso. E as frutas! O banquete de um rei.

“Ou de um condenado”, Peregrino pensou.

E voltaria a pensar, seguidamente, durante a refeição. Mas em momento algum se imaginou dizendo a Túlio Ferreira que não era isso o que queria. Que o que desejava era continuar sua carreira sem prognósticos e no anonimato da Patrulha. Seria uma opção? Não sabia, e não se importou em saber. Uma única coisa ecoava em sua mente, de tudo o que Túlio lhe dissera: *Em algum lugar lá fora há um inimigo de carne e osso para a gente matar.*



2 A LUA DO JAGUAR

Peregrino havia estudado Teoria de Operações Especiais, um dos cursos menos prestigiados da Academia. O que se imaginava das esquadras do espaço profundo eram grandes movimentações de forças-tarefas, a coordenação de dezenas de vasos em movimento bem urdido, a absurdamente vasta logística por trás de todas as operações, por menor que fossem.

Na solidão do seu enorme alojamento, ele revia — com prazer — o que aprendera no curso. Além disso, o Almirante Túlio lhe havia passado toda uma bibliografia com textos antigos, esquecidos na era da guerra galáctica, alguns do tempo em que ainda não existiam formas de guerra espacial, nem mesmo escaramuças orbitais.

“Uma operação especial ou de comandos é conduzida por forças especialmente treinadas, equipadas e apoiadas”, definia um deles em meados do século XXI, “no ataque a alvos específicos, cuja destruição, eliminação ou resgate (no caso de reféns) é um imperativo político ou militar”. Peregrino sorria, enquanto cinzelava as palavras na memória. Sugeriam que tudo era tão simples.

.. Os desdobramentos do conceito eram ainda mais enganadores: “Todas as operações especiais são conduzidas contra posições fortificadas de um inimigo em situação defensiva.” Mas no *front* da guerra contra os tadaís o inimigo não mantinha posições fortificadas. Não mantinha *posição alguma*, dentro da Esfera. Ao menos nenhuma posição conhecida pelas diversas forças humanas e alienígenas instaladas nela.

Mas os conceitos teóricos ficavam mais claros quando se tinha em mente que as operações seriam contra um inimigo numericamente superior — na Esfera, as táticas tadaís consistiam em sempre atacar com avassaladora superioridade numérica das suas naves robôs.

Isso não facilitava as coisas em nada. O problema era como alcançar a *superioridade relativa* nas ações especiais, quando a força atacante ganha vantagem decisiva seguindo o início do combate. Mas como determinar o ponto de superioridade relativa, diante dos grupos enxameantes de naves tadaís? Sempre haveria uma zona de vulnerabilidade difícil de equacionar.

“Ou não tão difícil”, Peregrino pensou, depois de revisar uma primeira dúzia de relatórios sobre ataques tadaís. As ações das naves robôs eram sempre sistemáticas — *robóticas*, de fato. Por isso era relativamente fácil determinar como elas se desenvolviam. O dilema não seria como obter a superioridade relativa, e sim como *mantê-la* diante de um inimigo que podia despejar um número sempre superior de astronaves, durante a batalha.

Levou o problema ao CECZARE, que lhe disse:

— O que você não sabe, meu rapaz, é que os tadaís possuem um limite de ação bastante concreto. Embora não pareçam ter problemas de material e de orçamento ou quanto às perdas que estão dispostos a sofrer, o fato é que seus vasos de guerra têm que vir de *algum lugar*. Seus tunelamentos, quando massivos, podem ser rastreados até os pontos de origem. Contra isso, a tática deles é estocar as naves em pontos obscuros da Esfera, como cinturões de asteroides e de Kuiper, nebulosas estelares, órbitas congestionadas de gigantes gasosos, e mobilizá-las em levadas sucessivas.

Nossos analistas afirmam que haveria depósitos secretos de vasos tadaís escondidos na Esfera há Terrasséculos. Depois eles vão, num pingado bem mais difícil de rastrear, recompondo suas reservas em outros pontos.

“Nem nós nem ninguém na Esfera ou fora dela jamais participou de uma batalha contra os tadaís que envolvesse a necessidade concreta, da parte deles, de repor vasos a partir de algum lugar *fora* da Esfera. Se isso acontecesse, e seus movimentos de fora para dentro da Esfera fossem rastreados, poderíamos saber mais sobre os pontos ou o ponto de origem dos nossos inimigos. Seria um grande avanço.”

Peregrino coçou a cabeça diante do comentário, e retornou ao trabalho — que era, por instrução de Túlio, montar uma nova unidade secreta de operações especiais. Mas um *insight* que a observação do Almirante lhe deu foi o de que o registro das operações anteriores dos tadaís talvez fornecesse alguma inteligência aplicável às operações. Peregrino lembrou-se de um dos ditos de von Clausewitz: “Toda ação militar é impregnada por forças de inteligência e seu efeitos.”

Era enganoso, porém, imaginar que todos os movimentos tadaís seriam facilmente antecipáveis em razão de uma suposta natureza “robótica”, esquemática das suas manobras. Os robôs tadaís eram taticamente espertos e flexíveis. Peregrino solicitou ao computador quântico instalado na nave capitânia *NLA-126 Gloriosa* todas as análises táticas que ele havia feito das ações passadas dos tadaís, com ênfase em comunicação, coordenação e controle, envolvendo engajamentos humano-tadaís de todo os blocos políticos e potências alienígenas. Depois de conferir o resumo das análises, ele refinou um novo conjunto de questões, e o re-submeteu ao computador. Enfurnado em seu camarote, saindo apenas para se exercitar, retornou, com interesse redobrado, ao estudo dos relatórios de ataques tadaís. Descobriu que as manobras dos robôs tadaís podiam ser muito sofisticadas, mas, como a maior parte dos robôs costumava ser, as máquinas tadaís eram extremamente dependentes de sensores situacionais e de coordenação de

movimentos. Isso se desdobrava em complicações quando tudo acontecia em velocidades próximas à da luz e os vasos operavam em taxas diferentes de velocidade.

Chegou a algumas conclusões. Mas não sabia se elas bastariam para resolver um dos dilemas característico da Esfera: como obter inteligência sobre o inimigo. Diante dessa dificuldade, os diversos grupos políticos humanos dentro da Esfera acabavam se dedicando a espionar uns aos outros, e nunca havia muita cooperação real. Se Peregrino conseguisse ler corretamente as análises das táticas tadeais, elas funcionariam como dados de inteligência sobre o inimigo, e seria possível extrapolar novas táticas a partir deles.

Ao final de três semanas de estudos e de muitas conferências com o Almirante, apresentou o organograma e a doutrina tática e operacional da nova unidade. A essa altura, Túlio já recebera confirmação de almirante-de-esquadra e o havia promovido a capitão-tenente, mas mantinha-o fora do convívio com o restante do Estado-Maior do Almirantado em Cantares.

A única exceção foram dois dias seguidos de contatos com a Capitã-Tenente Mariângela Alvares, uma experiente jurista militar que reviu com ele as cláusulas, no Regulamento Disciplinar das Forças Armadas Integradas e no Código de Procedimentos legais das FAI, que dariam proteção legal ao projeto secreto de Túlio e Peregrino.

O lar da nova unidade também seria igualmente desvinculado do que mais acontecia no QG — Túlio ordenara que as caras fábricas-robôs militares fossem enviadas ao polo sul do planeta. Ali havia um continente gelado, de proporções semelhantes à Ilha de Madagascar, na Terra. Nele os robôs cavaram instalações na neve, no gelo, no *permafrost* e no leito rochoso. Apenas uma discreta torre se projetaria acima do solo, para assinalar a existência da base. Peregrino teve pouco tempo para aproveitar o espaçoso camarote no QG.

A doutrina elaborada por Peregrino seguia os seis princípios das operações especiais: simplicidade, segurança, repetição, surpresa, velocidade e propósito. Deveria contar, para alcançá-los, com um núcleo de nove vasos principais. Túlio sugeriu que fossem corvetas da classe “Córdoba”, concebidas para patrulha extra-solar e defesa orbital avançada, pouco usadas na Esquadra porque a ajuda latinoamericana aos planetas alienígenas aliados era “menos que perfunctória”, nas palavras do Almirante. Mas Peregrino solicitou naves de patrulha classe “Antilhas”. Havia servido nelas no começo de sua carreira, ainda como alferes, e sabia que eram a classe de vasos leves melhor concebida de todas as forças do Bloco Latinoamericano, com sistemas operacionais altamente eficientes e um *design* flexível, antecipando necessidades futuras de atualização e repontencialização.

— Nenhuma repontencialização tornaria essas naves capazes pra ações de impacto médio e de engajamento múltiplo — Túlio argumentou —, e você *quer* que a unidade tenha essas habilidades.

— Almirante, eu *garanto* que as naves da classe Antilhas têm condições de receber armamentos e sistemas originais de *fragatas*. Basta recorrer ao seu depósito de peças sobressalentes e emprestar os conjuntos de sistemas, e então treinar o pessoal neles.

Por um instante, os olhos do Almirante brilharam.

— Naves leves como essas, com reatores e indutores de tunelamento vindos de fragatas. . . Elas seriam rápidas e de assinatura baixa. E com os canhões e mísseis, e. . . Impossível.

Peregrino insistiu:

— Totalmente realizável, Almirante. O único impedimento está na Doutrina de Materiais e Procedimentos da Esquadra. Se esses componentes fossem instalados na classe Antilhas, a estrutura interna toda cairia pra uma vida útil de dois terços. — Então disse, com esperança na voz: — Mas nós não estamos dando muita bola para a questão da vida útil, não é mesmo? . .

— Pr’o inferno com a DOMPE — Túlio declarou. — Não me interessa a vida útil. O maldito Gervásio há quatro meses mandou

descomissionar todas as setenta e duas naves dessa classe e da “Galápagos” na ELAE. Só enviei cinco de volta até agora, porque dá trabalho despi-las dos sistemas sv e armamentos, e porque não gosto da ideia de ficar ocupando o pessoal em quase-c com esse tipo de transporte, sem falar das escoltas. Bastará eu retê-las aqui com alguma desculpa. A menos que o nosso entrevero na Esfera dure mais duzentos anos, você vai ter um estoque inesgotável de naves pra reposição.

— E pra *que* descomissionar essas naves, Almirante? . . .

— Eu já lhe disse. As operações de escolta e proteção aos nossos aliados são mínimas e o Estado-Maior Conjunto não pensa em alterar isso no futuro, é a triste verdade. Uma dezena dessas naves será enviada para a Esquadra Colonial, as outras. . . — Ele hesitou. — Chegou às minhas mãos o estudo da Sendero Sempiterno, um estaleiro latino em Marte, de transformar naves da classe Antilhas no mais rápido, de maior alcance e mais espaçoso iate espacial do mercado. Melhor até que o GuardsMan y Vinte fabricado pela Aliança.

— Como é que o senhor irá reter as naves, se o Comando planeja vendê-las a um grupo civil?

O brilho retornou aos olhos de Túlio.

— E você por acaso viu algum edital do Comando sobre isso, rapaz? Não. Eu aposto que Gervásio vai primeiro “provar” que não temos mais utilidade pra elas na Esfera, e que não estão mais aptas a serem utilizadas até mesmo na Esquadra Colonial. Então o negócio com a Sendero Sempiterno vai ser fechado numa licitação fajuta, e o nosso brilhante Almirante-Estelar Gervásio Henriques da Fonseca vai ser o mais novo bilionário da galáxia. Se já não for.

Peregrino não resistiu, e disse:

— E apesar de toda a influência dele, o senhor está disposto a confrontá-lo.

O Almirante encarou-o de cenho franzido por um instante.

— Eu tenho alguns trunfos — disse. E depois de nova pausa: — E como estou exigindo muito de você, acho que tem o direito de conhecer pelo menos um deles.

“Pandolfo tinha mais dois Terraanos de serviço no comando da Esquadra, antes de voltar. Ele foi para a reserva extemporaneamente porque desenvolveu neurose de interface.”

Peregrino não se surpreendeu. Indivíduos com habilidades aumentadas por sistemas cibernéticos implantados em seus corpos às vezes desenvolviam alguma forma de *neurose de interface* — os implantes eletrônicos em seus cérebros, ocupados com a interface entre o sistema nervoso e os diversos ciberdispositivos, passavam a interferir com a psique do sujeito. Alguns perdiam o sono ou a capacidade de sonhar, outros se tornavam excessivamente conscientes de suas partes cibernéticas, e frequentemente a síndrome degenerava em paranóia e crises de pânico, distúrbios de personalidade e comportamento psicótico. Com certeza, não era o estado mental mais apropriado ao comandante militar supremo do Bloco Latino na Esfera. Apesar de um possível acompanhamento biocibermédico superior, Pandolfo não estaria livre da eventualidade, só por ocupar esse posto. Contudo. . . em que o conhecimento desse fato significava um trunfo para Túlio?

— O grupo dos aumentados, dentro e fora do Partido Biônico, está se fortalecendo no Senado dos Planetas Federados — o Almirante disse. — Ao mesmo tempo, a incidência da neurose de interface entre eles fica mais frequente, segundo consta. Revelar que Pandolfo foi removido por causa disso seria expor uma fragilidade do grupo, e essa fragilidade poderia se tornar uma fraqueza política importante.

Peregrino assentiu, compreendendo. Túlio disse:

— Esse é um trunfo que vai permitir que eu e você operemos fora do esquema das coisas aqui na Esfera, com alguma margem e por algum tempo. Não pretendo colocar o PB contra a parede, não até que isso se faça absolutamente necessário. Mas a direção do partido, que sabe do embaraço de Pandolfo, está ciente

de que terá de trabalhar do meu lado por algum tempo. É claro, se formos bem-sucedidos nas primeiras operações do seu grupo, teremos uma outra carta na manga. — E concluiu: — Pode contar com as suas naves, Capitão Peregrino. Agora vamos discutir as tripulações.

Mas, enquanto o faziam, Peregrino se perguntava que outros trunfos o Almirante teria na manga.

Túlio, Peregrino e o compquântico da *Gloriosa* se debruçaram sobre a adaptação das naves Antilhas. A maioria dos homens e mulheres que comporiam a nova unidade viria do 5º Grupo de Operações Especiais — o grupamento de elite do COPES dirigido por Túlio antes de ele substituir Pandolfo como Almirante-de-Esquadra. Uns poucos viriam de fora do 5º GOE.

Pensar na seleção do pessoal fez Peregrino refletir sobre a escolha dele próprio. Túlio citara os eventos de Epsilon Eridani, mas agora, pensando bem, pareceu a Peregrino que desde o início Margarida Bonadeo o teria preparado para algo semelhante.

Uma de suas primeiras missões fora capturar um grupo de colonos separatistas da Aliança que tentavam desviar um aglomerado de cometas do Cinturão de Kuiper do Sistema Solar e atirá-los contra a Terra. O atentado foi auto-abortado quando o veículo impulsor deles sofreu um acidente. O destino dos terroristas era morrer na superfície de um dos subplanetas gelados, tamanho haviam sido os danos aos seus sistemas de suporte de vida. Coube a Peregrino capturá-los para interrogatório, e depois entregá-los às autoridades americanas — e antes que eles tirassem as próprias vidas.

Em Centauri, uma flotilha de fragatas asiáticas fazia um exercício de penetração em alta velocidade no interior do sistema triplo de estrelas. Uma delas sofrera uma pane e — a caminho de mergulhar em Centauri B — fora dada como perdida e abandonada pelas companheiras. Peregrino e um destacamento do pelotão de operações especiais que ele comandava fizera o resgate-

relâmpago de três tripulantes deixados para trás quando o seu vaso de escape falhou. No processo, Peregrino havia capturado arquivos e códigos secretos da Conferência Ásia Centro-Oceânica. Fora a primeira vez que Bonadeo tentara obter para ele a Ordem do Defensor, mas a citação foi negada porque revelaria a aquisição dos códigos. Enfim, o resgate dos sobreviventes de uma astronave da Ecúmena Islâmica, desativada depois de uma escaramuça com os euro-russos em Gliese 876, à deriva entre os detritos orbitais de um gigante gasoso, rendeu um prêmio semelhante, mas somente uma Cruz de Bravura de Segunda Classe. *Apesar* de terem furado o bloqueio e contornado uma proibição euro-russa de socorrerem a nave destruída.

Margarida Bonadeo era uma mulher de beleza e inteligência incomuns. Cativava com facilidade subordinados de ambos os sexos, que nutriam por ela admiração genuína e lutavam para agradá-la e para transformar o *Noronha* num dos principais recursos da Esquadra Latinoamericana Colonial nas Zonas 1, 2 e 3. Dizia-se que ela teria chegado muito mais longe se a sua beleza não tivesse atrapalhado. Peregrino não conhecia detalhes, mas, lembrando do boato, tinha se sentido particularmente incomodado com o comentário maldoso de Túlio no refeitório da Torre 2. Certamente, fora um modo do Almirante medir a sua lealdade para com Bonadeo.

Inicialmente, a comandante do *Noronha* tinha tratado Peregrino com uma frieza pouco característica. Ele sabia que, no destróier, Bonadeo o favorecia com as missões mais complexas e perigosas. Por um tempo — durante as folgas altamente reguladas por Bonadeo, e nos poucos períodos de inatividade nas patrulhas, quando podia refletir com calma —, Peregrino se perguntou se era sempre assim, na Esquadra Colonial. E ele tinha ordens expressas de Bonadeo, para evitar comparações com os oficiais de outras unidades da ELAC porque suas missões haviam sido carimbadas como sigilosas. Seria apenas por ele ser o oficial mais moderno no destróier? Agora, ele imaginava se, motivada por alguma razão

— seus perfis e avaliações acadêmicas? —, a capitã já não buscava selecionar e adestrar um oficial que pudesse ser o coringa do Almirante Túlio na Esfera. Ou Túlio é que a teria abordado, depois das primeiras missões bem-sucedidas de Peregrino? Afinal, por que Bonadeo o teria indicado para as maiores comendas, se desejava manter as suas capacidades na surdina?

E haveria outros candidatos a ás na mão do Almirante, sendo preparados sigilosamente em outros distritos das Forças Espaciais nas Zonas 2 e 3? Eles se uniriam a Peregrino no futuro, ou Túlio realmente falava a sério, ao antecipar que sua passagem pelo comando da ELAE seria curta, de modo que não haveria tempo, mesmo que existissem outros?

Pensou em levar essas questões ao Almirante, mas não agora. Por enquanto, aceitava que ainda era uma arma que, de encomenda ou não, ainda não fora testada. Mais tarde, se sobreviesse às missões que lhe seriam designadas, poderia dirigir-lhe essas perguntas e tentar entender o quanto tudo isso fora preparado com antecedência, ou surgira apenas do imprevisto e do desespero de um punhado de oficiais determinados a contornar a política de favorecimentos e agir de verdade contra aquilo que eles acreditavam ser uma ameaça concreta à humanidade.

A transformação das naves da classe “Antilhas” foi feita com pressa, no estaleiro de uma espécie alienígena da Esfera, os folsorianos, aliados da Latinoamérica. Um povo bem versado em tecnologia espacial, e por serem quase-humanóides, tinham facilidades em trabalhar com o equipamento. O computador quântico fez os planos das modificações, e Túlio contrabandeou as naves e as peças para um dos principais mundos deles, Tuviam-Maas. Os canhões principais acabaram vindo de caças ECE-428F Carcará — o modelo M70 tinha pulso mais rápido e potência 8,5% superior aos das fragatas, peso 11% inferior, módulos de reparo e substituição 26% mais rápidos no diagnóstico, 23,5% mais rápidos na troca. Tinham de ser assim, ou os caças não teriam qualquer

utilidade real contra os escudos energéticos dos vasos tadeais. “E ainda são muito mais bonitos”, o Almirante havia arrematado, sobre os poderosos canhões M70.

Mesmo contando com pessoal experiente em operações especiais, Peregrino sabia que o seu efetivo teria de ser forjado em uma nova unidade, com doutrina específica. Tentando matar dois coelhos de uma só vez, colocou as tripulações em deslocamentos e combates simulados, dentro da nova configuração das naves — que ele de pronto rebatizou de classe “Jaguar”. O treinamento repetitivo para missões específicas era um dos seis princípios balizares das operações especiais, mas o princípio da segurança — ou do sigilo em torno da criação da nova unidade — tinha precedência. Ele também não desejava que a assinatura de tunelamento das naves Jaguar fosse conhecida pelos sensores tadeais espalhados pela Esfera. Não antes que elas entrassem em operação pra valer. Naves-rebocadoras gigantes haviam contrabandeado os novos aparelhos, já montados, de volta para o sistema de Dionísio.

Por isso, as simulações mecânico-RV foram um dos recursos encontrados, combinando realidade virtual sobre plataformas mecânicas para efeitos bastante realistas dos sons e da vibração das estruturas dos vasos, quando os compensadores de inércia lutavam para manter em neutro a energia física de homens e máquinas durante acelerações e frenagens em escala astronômica. Por outro lado, nada substituiu a estranha apreensão que se acalentava antes de um tunelamento real. O compquântico da *Gloriosa* forneceu os parâmetros das simulações.

Peregrino decidiu alternar a simulação mecânico-RV com duas semanas de treinamento de combate pessoal com trajes propulsados e pressurizados, incluindo 72 horas de treinamento de sobrevivência entre os anéis do planeta Don Juan, um gêmeo mais afastado e mais frio de Dionísio. Túlio perguntou se ele previa muitas ações de superfície. Peregrino disse que queria estar preparado — e que esse tipo de treinamento cinzelava o espírito de corpo.

De fato, quanto maior a provação experimentada em duas semanas de treinamento intensivo, maior seria a coesão entre

os homens e mulheres da nova unidade. Peregrino havia feito o Curso de Infantaria Espacial Embarcada, e tinha uma boa ideia do que desejava para os seus comandados. Procurou o Capitão-Tenente Inácio Duran, da IE embarcada na *Gloriosa*. Duran era um aumentado com sistemas biocibernéticos. Peregrino pediu que ele preparasse um adestramento rápido.

Logo percebeu, porém, que o aumentado seria o seu primeiro obstáculo. Duran tinha a postura de que um curso como esse deveria ser um processo *seletivo* — apenas os melhores passariam. Realmente acreditava na filosofia de que uns eram melhores que os outros — dessa certeza é que emergia o militar de elite. Mas Peregrino já tinha o seu pessoal selecionado. Ter alguns terminando o curso e outros sendo excluídos não funcionaria como modo de sedimentar a união do grupo nem de manter o sigilo em torno da nova unidade; ao contrário. Explicou isso a Duran, mas por trás de sua aquiescência identificou relutância e um certo despeito.

Já tinha passado por isso com o Tenente Valenzuela, comandante do pelopes do Noronha, quando Margarida Bonadeo ordenou que Peregrino assumisse o seu comando em várias ações na Esquadra Colonial. Da primeira vez, prticamente precisara esfregar o seu brevê do curso de Infantaria Embarcada na cara de um sargento, para conseguir dele uma carabina de alta energia e um traje de combate.

Ao lidar com Duran, porém, Peregrino lembrou-se de um dos ditos favoritos de Túlio Ferreira, que o Almirante atribuía a um historiador da Aliança Transatlântico-Pacífico, Basil Liddell-Hart: “Só existe uma coisa mais difícil do que pôr uma ideia nova na cabeça de um militar: é tirar a antiga.”

Com a permissão de Túlio, consultou a ficha de Duran. Agora tinha conhecimento de que a ficha completa de um oficial trazia complexas avaliações psicológicas que o seu objeto quase sempre desconhecia, e pelas avaliações psicológicas de Duran chegou à conclusão que o seu rigor nos treinamentos traía algum

sadismo inconsciente, o que também ia contra os propósitos de Peregrino.

Cometeu então a indiscrição de dispensar Duran e convocar a ajuda de uma de suas comandadas, a nepalesa Usha Sunuwar, uma jovem sorridente de 1,58m de altura. Foi o próprio Almirante quem a indicou.

Peregrino não tinha ideia de que mulheres nepalesas serviam na Infantaria Embarcada da Esquadra. Homens do Nepal há séculos ofereciam seus serviços militares originalmente aos ingleses, ainda durante a vida de Liddell-Hart, no século xx, e mais recentemente à Aliança Transatlântico-Pacífico. Agora, ao que parecia, as mulheres do Nepal exportavam suas habilidades a outros blocos políticos. Usha Sunuwar era conhecida como “Gurka”, embora fosse do distrito de Manang e não de Gorkha, e de ninguém jamais a ter visto com a famosa faca de combate *kukri*.

Ao contrário de Duran, Gurka entendeu perfeitamente o que Peregrino desejava, e os dois elaboraram o programa de treinamento num único dia. Após as duas semanas de instrução especial, as simulações alternavam-se com mais um dia ou dois de atividade de superfície com os trajes propulsados, com as tripulações voando dos desertos de Cantares às luas mais inóspitas de Dionísio, e treino de sobrevivência nos anéis de um outro gigante gasoso chamado Don Juan.

Chegaram a fazer até mesmo um mergulho orbital, em que os homens e mulheres da tripulação penetravam a atmosfera de Cantares a partir da órbita, num longo mergulho até a altura de acionamento dos pára-quedas gravitacionais. Peregrino esteve com a maioria das turmas, na maior parte das atividades, das mais extenuantes às mais perigosas. Nem sempre tinha um desempenho entre os melhores, mas fazia de suas falhas um outro meio de se aproximar dos comandados.

De início houve reclamações, mas logo o espírito de corpo se formou e as dúvidas desapareceram. Mais tarde, a maioria passou a aguardar as atividades semanais com interesse e às vezes até expectativa — era um modo de sair da rotina das simulações,

de sentir emoções mais fortes, de alternar a fadiga mental com a física. Nessa fase, Túlio chegou a participar de algumas manobras como observador, e deu o seu aval.

Não obstante, Peregrino teve de enfrentar decepções. Enfim, não apenas as instruções dadas por Gurka, mas também as simulações constantes acabaram sendo seletivas. Havia homens (em casos, mais numerosos do que as mulheres), mesmo entre os mais experientes, que simplesmente não se adaptaram a uma carga tão elevada de atividades. Estavam há quase seis meses sem folgas, e isso, embora inevitável no regime de sigilo total, cobrava o seu preço. O próprio Peregrino até agora tinha visto apenas em sobrevoos as pirâmides arcológicas, torres holísticas e condomínios flu tuantes de Chorinho e de outros núcleos urbanos de Cantares.

“Simplicidade, segurança, repetição, surpresa, velocidade e propósito”, Peregrino recordou. Se a *repetição* sozinha causava baixas, o que aconteceria quando entrassem realmente em combate?

Mas no fundo suspeitava que o item *propósito* havia sido — e viria a ser — um fator ainda mais decisivo. Desde o início intuía que era o ponto mais delicado de todo o projeto.

À medida que se aproximava o momento de declarar ao Almirante que estavam capacitados a entrar em operação, Peregrino meditava cada vez mais sobre isso. Precisou voltar-se para si mesmo — para a sua estranha exaltação ao ouvir de Túlio que “em algum lugar lá fora há um inimigo de carne e osso para a gente matar”, e de que ele fora o escolhido para ser o matador.

Por que o desejava tanto, e por que tinha tanta certeza de que o conseguiria?

A cerimônia de batismo da unidade ocorreu nas novas instalações cavadas no continente antártico de Cantares. Os robôs haviam dado à construção pré-fabricada a feiúra peculiar de um pesadelo robótico — pisos, plataformas e painéis vazados por toda parte, cabos e conversores expostos, conveses, escadarias e balaustradas

suspensas, luzes baças filtradas por entre o maquinário, e telas e redes anti-estilhaço para quando as bombas do inimigo transformassem toda essa escultura metálica em meio bilhão de lâminas de barbear. Os sistemas de climatização e suporte de vida e seus condutores eram pintados numa infernal combinação de vermelho e laranja, e havia entradas e passagens labirínticas adequadas apenas aos robozinhos de manutenção, esses anões-ferreiros do submundo.

Nem mesmo as áreas de convívio humano como o salão de conferências foram poupadas da funcionalidade robótica. Os assentos, a plataforma e o holoquadro gigante atrás dela, estavam suspensos no centro do que parecia o *frame* congelado das entradas em colapso de um estaleiro espacial.

Mas Peregrino gostava da construção. Ele e seus comandados colocariam suas vidas em risco contra robôs — era bom que vivessem num espaço que os lembrasse da terrível esterilidade da máquina.

Nessa catedral gótica, a cerimônia foi aberta com um culto ecumênico conduzido por quatro capelães da Esquadra. Eles foram misericordiosamente breves e tentaram falar de esperança e dever a católicos e protestantes, budistas, espíritas, e afro-animistas. Então, da mesa em que se sentavam o CECZARE, Peregrino e o segundo em comando na unidade, o Capitão-Tenente Hassid Montoro, Túlio se levantou, sorriu e disse:

— Muito obrigado aos nossos capelães por terem nos trazido hoje essa gentil palavra de Deus e das Entidades da Natureza. Eu agora darei a vocês uma nada gentil palavra do Diabo. — Tocou modestamente o próprio peito. — Vocês vão obedecer às ordens de sigilo total quanto a esta unidade e suas atribuições, ou eu colocarei *pessoalmente* os transgressores em uma nave de longo curso em missão de reconhecimento no outro lado da galáxia, de modo que quando voltarem dez gerações terão se passado e ninguém mais se lembrará de quão idiotas vocês foram. Agora passo a palavra ao seu comandante, o Capitão Jonas Peregrino.

Peregrino levantou-se levemente encolhido, pois ele mesmo sentia o peso da fala de Túlio. Podia ver nos olhos dos homens e mulheres na plateia que eles também levavam a sério a ameaça sorridente do Almirante. Na audiência, seus olhos encontraram o rosto de expressão apreensiva da Tenente Teruel, a quem Peregrino vira raramente desde o seu primeiro encontro, seis meses antes. Se alguém conhecia a seriedade das ameaças de o Almirante, era ela.

Começou sua preleção afirmando que o militar da era espacial era muitas coisas: cientista, engenheiro, burocrata — comentário que foi recebido com risos da audiência, e uma careta do Almirante. Um pouco do clima pesado se dissipou. Peregrino prosseguiu:

— Tantas coisas que é comum, eu imagino, que nos esqueçamos de que somos, antes de tudo, *soldados*. Soldados em guerra, e que possuem, no seu nível mais básico, apenas uma função: matar ou projetar a possibilidade da morte sobre o inimigo. Nisso servimos às autoridades do Estado que organiza a sociedade que juramos defender. São essas autoridades que escolhem como, em quem e onde devemos projetar essa possibilidade de morte.

“Uma possibilidade que sempre se reflete sobre nós mesmos. É dela que extraímos o sentido de honra e de importância de uma profissão tão antiga. A possibilidade de sermos mortos, em defesa de nossa sociedade.”

Peregrino fez uma pausa, para apreciar a compreensão nos rostos dos homens e mulheres que ele iria comandar em combate.

— Vejo em seus olhos que vocês sabem aonde quero chegar — disse. — Lutar contra robôs altera a equação, muda o modo como enxergamos nosso papel, como entendemos o compromisso de sacrificarmos nossas vidas no cumprimento do dever.

“O inimigo lança *máquinas* contra nós, mas nem por isso ele deixa de representar um perigo real contra nossos companheiros de armas e aliados. O dever continua claro, mas temos que buscar nossa própria motivação e senso de propósito. Buscá-los entre nós.”

Ele então pediu que cada um na audiência olhasse para o homem ou para a mulher que se sentava ao seu lado. Eles o fizeram com uma expressão determinada. “Eles entendem o que eu quero dizer”, Peregrino pensou.

— Nestes últimos meses vocês e eu enfrentamos juntos jornadas exaustivas de exercícios e adestramentos. Aprendemos a confiar nossas vidas uns aos outros. E essa pode ter sido a maior realização destes seis meses de trabalho. Porque em breve estaremos lá fora, no vácuo do espaço, enfrentando o inimigo que cruzar nosso caminho. Não duvidem disto: esta unidade é uma força operacional disposta a engajar o inimigo não importa onde.

“Vamos reescrever o Manual de Procedimentos da Esquadra. Nossos aliados saberão que podem contar conosco em todo e qualquer confronto com os tadeais. Seremos a última linha de defesa, e, se possível, a primeira linha de ataque. A vanguarda em todas as ocasiões. Nossos aliados olharão para nós *primeiro*, quando o perigo bater à sua porta..

“Mas nem sempre o papel do soldado foi tão nobre. Na antiguidade, o militar era pouco mais do que um baderneiro saqueador a serviço de um tirano qualquer. Às vezes, seu soldo tinha a forma de botins e estupros. Essa imagem começou a se inverter com o surgimento do Estado moderno, dedicado ao bem-estar de todos os cidadãos e não apenas ao de uma classe privilegiada. O Estado defende a sociedade no seu sentido mais amplo, e ao cumprir as ordens do Estado os militares passam a representar também as suas sociedades. Essa equação evidentemente nunca foi límpida e pura, assim como também o Estado muitas vezes deixava de cumprir suas funções de forma transparente e conscienciosa.

“Eu não falo pelo comando da Esquadra Latinoamericana na Esfera, e o Almirante Túlio que aqui está irá me corrigir, repreender ou *encarcerar*, se eu expressar uma inverdade quanto ao nosso papel na Esfera. O que quero dizer é que nosso compromisso continua sendo o de executar as ordens do Estado, da Latinoamérica como entidade transplanetária. Mas vocês sabem tanto quanto eu que os agentes políticos que formulam nossas políticas de ação

encontram-se bastante longe daqui. A milhares de *anos-luz* da realidade concreta da Esfera. Não digo que eles deveriam estar aqui conosco, apenas que por causa dessa distância nossa tarefa exige ainda mais dedicação e compreensão das nossas funções e da responsabilidade que recai sobre nós. É importante termos sempre em mente que a única coisa que justifica colocarmos nossas vidas em risco é a defesa da sociedade, diretamente quando os interesses da Latinoamérica e da humanidade estiverem em jogo, ou na defesa de nossos aliados.

“Alguns de nós vieram para a Esfera com o objetivo ou tendo a esperança de se colocarem sob os holofotes da política, de adiantarem suas carreiras, para alcançarem dividendos futuros quando retornarem à Terra ou às colônias. Mas nesta unidade que nasce hoje, o objetivo primeiro será, *sempre*, realizar esta função de que lhes falo, *engajar* o inimigo sempre que for possível.”

Peregrino fez uma pausa e um gesto para o holoquadro às suas costas. Apertou um botão no púlpito diante de seu peito. Atrás dele letras e números acenderam-se.

— Aqui está, companheiros — disse. — O nome da unidade que formamos hoje: o Vigésimo Oitavo Grupo Armado de Reconhecimento Profundo. Os comandantes receberão mais tarde o organograma completo e a designação de cada espaçonave e suas respectivas tripulações. Por hora basta conhecer o nome da unidade, que foi concebido, é claro, para manter incógnito o alcance das nossas habilidades e funções operacionais. “Reconhecimento” nem de longe dá conta de tudo o que faremos, nos meses que temos diante de nós. Somos uma unidade de *operações especiais*. Pensando nisso, imaginamos uma insígnia que seja capaz de traduzir o que realmente queremos ser.

Pressionou outro botão, e às suas costas uma imagem tridimensional surgiu no holoquadro. Uma onça negra, presas à mostra num esgar irado. Ao fundo, constelações e a espiral estilizada da galáxia.

— Para as culturas latinoamericanas do passado, o jaguar foi um símbolo de poder e de ambição. Os maias o chamavam de

“Balam”, e falavam da Lua do Jaguar que se iniciava na constelação de Peixes e avançava contra a de Aquário, até a galáxia de Andrômeda. Era como se o jaguar apontasse o destino da humanidade para além da Via Láctea.

“As pessoas nascidas sob a Lua do Jaguar teriam algo dos seus atributos. A coragem e a habilidade do caçador, a característica de considerar as melhores opções antes de agir. O jaguar comanda a selva, e não tem inimigos à sua altura. Como um verdadeiro soldado das operações especiais, opera em ambientes diversos; pode escalar, nadar e correr, controla as dimensões e os ambientes.”

Apertando outro botão no púlpito, Peregrino alterou a imagem no holoquadro. Acima da insígnia do jaguar, surgiu a imagem tridimensional de uma nave de patrulha da nova classe. O casco externo era pintado de azul escuro e metálico, quase idêntico à pelagem da onça negra — até no detalhe das rosetas negras contra o fundo azul. As naves do 28.º GARP, por determinação do Almirante Túlio, haviam abandonado o cinza naval escuro tradicional da Esquadra, e assumido essa cor noturna.

Peregrino retomou seu discurso.

— Ao mesmo tempo, o jaguar no céu, acima das cabeças dos nossos antepassados, era mais do que um espelho de aspirações humanas perante o desafio de sobreviver e prosperar. Ele representava a *oposição*, o grande adversário, aquilo que limita a vida, ameaça a sobrevivência, transforma a condição humana na condição animal. Ele nos observa a todos com seu olhar flamejante, oculto entre as estrelas.

Peregrino voltou a apontar a imagem da onça preta.

— Neste poema de Rainer Maria Rilke que quero citar, o poeta imagina um felino negro de olhos amarelos:

“Como que ao acordar, ele volta o rosto para o teu;
e com um choque, vês a ti mesmo, minúsculo,
dentro do âmbar dourado dos seus olhos
suspensão, qual pré-histórica mosca.

“Foi assim que nossos ancestrais se sentiram? É assim que *nós* nos sentimos, perante o Universo, tendo jurado nos lançar contra a sua face mais violenta e hostil, nesta esfera de conflitos?

“A solidão nos cerca, companheiros, a solidão deste ponto tão exigente na história da humanidade. E deste temor tão justificável, do olhar dourado que nos mira por entre as estrelas. Mas do mesmo modo que peço a vocês que encontrem nos seus íntimos e nos compromissos que nos unem o propósito e a força para levar adiante a nossa tarefa, peço que passem a se enxergar como esse jaguar que a tudo espreita. Não vamos permitir que os tadeais assumam essa posição. Sejam *nós* a lançarmos um olhar flamejante contra os nossos inimigos.

“Sei que é fácil pensar nos tadeais como super-humanos, deuses anônimos e distantes que lançam contra *nós* seus demiurgos mecânicos, como que para limpar os campos das pragas humanas, antes de tomarem posse da sua colheita de sóis e de mundos.

“Mas sejam *nós* os jaguares da Esfera, os verdadeiros caçadores, os guerreiros que levarão ao inimigo um novo ensinamento. Os maías viam no jaguar um professor de verdades profundas, e eu cito outro poema de Rilke:

“Reúna as tuas disciplinadas forças
e as estique entre dois mastros opostos.
Porque dentro dos seres humanos
é que os deuses aprendem.

“*Nós ensinaremos* a eles, se pudermos nos transformar no jaguar. Os pajés índios das selvas da América Latina tinham como expressão maior de poder a habilidade de assumirem a forma do jaguar. *Nós faremos* isso. Porque em nenhum outro momento da história essa transformação foi mais necessária.

“É o nosso destino que está em jogo, e o destino de nossos aliados na Esfera, alguns deles membros de civilizações mais antigas que a nossa. Dizem os nossos aliados que o inimigo já demonstrou sua disposição para ações ofensivas indiscriminadas

e desproporcionais. Diante de tal poder e de tal falta de escrúpulos, o papel do soldado se eleva. Somos os *defensores*, os primeiros na linha de sacrifício para que outros possam viver e prosperar. Vamos nos erguer juntos, como uma *unidade*, para fazer valer esse papel.”